

LATIM E FORMAÇÃO LINGÜÍSTICA*

Haroldo BRUNO**

RESUMO: Sob a perspectiva de que o latim é a língua viva (do passado) e após reflexões de caráter lingüístico que orientam o trabalho, procura-se apresentar, como exemplo, uma unidade de programa de ensino lingüístico do latim, sem incidir em anacronismos e equívocos do velho pensamento humanístico.

UNITERMOS: Ensino; língua; fala; competência receptiva.

MEDIA IN VIA

*Media in uia erat lapis
erat lapis media in uia
erat lapis
media in uia erat lapis.⁽¹⁾*

.....

Às páginas finais de *César*, Michel Rambaud declara que os *Commentarii de Bello Gallico*, “legitimando o cesarismo pelo prestígio do conquistador, fizeram do Reno um rio que divide em lugar de unir²”. Vejo-me tentado a parafrasear Rambaud, alterando a substância da sua feliz expressão retórica; assim, diria: “O ensino do latim, legitimando a erudição pelo prestígio de quem parece dominar o desconhecido, fez do latim uma língua que divide em lugar de unir”.

De que modo uma língua, cujos falantes legítimos não existem já há treze séculos, uma língua que, hoje, não possui nem enunciadores nem enunciatários autênticos pode “dividir” ou “unir”? Acredito que a resposta a essa questão decorra inteiramente da perspectiva sob que se trabalha com o latim. Se, ainda que tenhamos sido legatários de toda sua literatura, nos pusermos diante dele contaminados pelo preconceito

* Trabalho apresentado na I Semana de Letras da UNIFRAN, em seção de Comunicação Coordenada sobre os problemas do ensino de latim.

** Departamento de Lingüística – FCL – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

de que tratamos com uma língua morta, o latim divide, pois denuncia, por si só, o longo espaço de tempo entre o seu desaparecimento e o momento em que, hoje, nos defrontamos com ele. E, se ele divide, para que estudá-lo? Para melhor conhecer a língua materna? Que, então, pelo menos, se amplie a carga horária destinada ao estudo da nossa língua materna, e não se sacrifiquem professores infelizes e alunos atônitos com o estudo do que é morto, mesmo que o morto possa conferir alguma erudição e permita pôr-se em um arremedo do seu sistema um poema de Drummond. Contudo, o professor de latim não dá lições de Anatomia nem é arqueólogo antigo que se satisfaça com datar, catalogar e descrever exaustivamente um fóssil. Hoje, o professor de latim, pelo menos ele, deve sentir-se na posição privilegiada de receptor de textos latinos produzidos por autênticos falantes latinos; e, em virtude desse seu privilégio, de conscientizar-se de que não lida com o que é morto, mas com o que é vivo, por ser o receptor de falas autênticas de autênticos falantes latinos. Sob essa perspectiva, o latim não é língua morta, é língua viva, ainda que, hoje, já não seja língua de comunicação. E, como língua viva, o latim não divide; pelo contrário, une; une uma cultura do passado à cultura do presente; e somente isso já bastaria para justificar o seu estudo.

Assim, fundando a nossa atuação docente no princípio de que o latim é uma língua viva (do passado), procuramos recuperar, simulando-a, uma situação de enunciação que pretendemos a mais legítima possível; para tanto, servimo-nos daquilo que o latim conserva de vivo, isto é, das falas dos seus enunciadores legítimos. O latim vivo, o latim “fala”, permite-nos uma reenunciação metalingüística, isenta do risco de anacronismos, porque, não só quanto ao plano do conteúdo, mas também quanto ao plano da expressão, se além ao enunciamiento primitivo que, tomado como matriz, autoriza recorrências (re-ocorrências) bastantes para que haja condições de internalizarem-se os princípios fundamentais do sistema e do uso do latim. Em outras palavras, homologando-se em um enunciado-documento e visando à reescrita desse mesmo enunciado, a reenunciação tem por objetivo propiciar a aquisição de uma competência receptiva de textos latinos; afinal, é principalmente para isso que se estuda latim.

Sem a pretensão de querer ensinar professores a dar aula de latim, passamos a apresentar, como exemplo, uma unidade programática; deve-se, porém, alertar que, para chegar a esta unidade, o estudante deverá já ter cumprido etapas, internalizando as noções fundamentais das oposições casuais do sistema latino.

O texto, documento da fala latina, suporte para este nosso exemplo, é o Capítulo 1 do Livro I dos *Commentarii de Bello Gallico*, de Caio Júlio César:

- (1) *Gallia est omnis diuisa in partes tres, quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur.*
 (2) *Hi omnes lingua, institutis, legibus inter se differunt. Gallos ab Aquitanis Guarunna flumen, a Belgis Matrona et Sequana diuidit.* (3) *Horum omnium fortissimi sunt Belgae, propterea quod a cultu atque humanitate prouinciae longissime absunt, minimeque ad eos mercatores*

saepe commeant atque ea quae ad effeminandos animos pertinent inportant, proximique sunt Germanis, qui trans Rhenum incolunt, quibuscum continenter bellum gerunt. (4) Qua de causa Heluetii quoque reliquos Gallos uirtute praecedunt, quod fere cotidianis proellis cum Germanis contendunt, cum aut suis finibus eos prohibent, aut ipsi in eorum finibus bellum gerunt. (5) Eorum una pars, quam Gallos optinere dictum est, initium capit a flumine Rhodano, continetur Garunna flumine, Oceano, finibus Belgarum, attingit etiam ab Sequanis et Heluetiis flumen Rhenum, uergit ad septentriones. (6) Belgae ab extremis Galliae finibus oriuntur, pertinent ad inferiorem partem fluminis Rheni, spectant in septentrionem et orientem solem. (7) Aquitania a Garunna flumine ad Pyrenaeos montes et eam partem Oceani quae est ad Hispaniam pertinet; spectat inter occasum solis et septentriones.

Mesmo antes da tradução de serviço, julgamos imprescindível fornecer ao estudante algumas informações a respeito não só do autor, Caio Júlio César, como, principalmente, desses seus *Commentarii*, a fim de que possa ter pelo menos uma noção mínima das suas condições de produção. Dos *Commentarii de Bello Gallico* deve-se dizer, por exemplo, que são o relato das expedições militares empreendidas por César contra povos da Gália, Germânia e Bretanha, de 58 a 51 a.C.; que foram redigidos em um estilo voluntariamente despojado; que César os compôs em dois meses, em novembro e dezembro de 52 a.C., servindo-se da correspondência que lhe remetiam os seus oficiais e das cópias dos relatórios que, como general em missão, era obrigado a enviar regularmente ao Senado; que a narração é desenvolvida em terceira pessoa, ou seja, que César não escreve “quando isto me foi anunciado”, mas “quando isto foi anunciado a César”; que, alicerces primeiros do cesarismo, os *Commentarii* não comportam uma leitura ingênua, etc.

Após essas breves informações, que objetivam suprir a competência intertextual, procede-se à tradução de serviço que, como já se disse, deverá manter-se o mais próxima possível do plano de expressão latino:

(1) A Gália toda está dividida em três partes, uma das quais habitam os belgas; outra, os aquitanos; a terceira, os que, na língua deles, se chamam celtas e, na nossa, gauleses. (2) Todos esses diferem entre si na língua, instituições e leis. O rio Garona separa os gauleses dos aquitanos; os rios Marne e Sena, dos belgas. (3) De todos esses, os mais fortes são os belgas porque estão muitíssimo afastados da cultura e da civilização da província e [porque] muito pouco freqüentemente mercadores chegam até ele, e levam [-lhes] aquelas coisas que tendem a enfraquecer os espíritos; estão próximos dos germanos, que habitam além do Reno e com os quais guerreiam seguidamente. (4) Pelo mesmo motivo, também os helvécios superam em valor os demais gauleses, pois se batem com os germanos em combates quase diários quando ou os afastam do seu território, ou eles próprios fazem guerra no território daqueles. (5) Uma parte deles, que se disse terem

os gauleses ocupado, tem o seu início desde o rio Ródano; é limitada pelo rio Garona, pelo Oceano e pelo território dos belgas; alcança também o rio Reno do lado dos séquanos e do lado dos helvécios e estende-se para as regiões setentrionais. (6) Os belgas originam-se nos mais distantes territórios da Gália, estendem-se até a parte inferior do rio Reno e estão voltados para o setentrião e o sol nascente. (7) A Aquitânia estende-se desde o rio Garona até os montes Pirineus e até a parte do Oceano que está próxima da Espanha; volta-se para entre o ocaso do sol e as regiões setentrionais.

Após a tradução de serviço, chega-se à situação simulada de enunciação, por meio de questões que, formalmente presas ao entendimento do texto, visam, na verdade, à reescrita parcial dos seus enunciados.

Deve-se, mais uma vez, registrar que, por sua compreensão reduzida e extensão infinita, com seu elenco reduzido e sob o estatuto de nome, o interrogativo *quis* proporciona uma multiplicidade de recorrências e reescritas de enunciados, a qual, sem o emprego da memória mecânica, possibilita a internalização do sistema do latim. A título de exemplo, apresentam-se algumas questões que se poderiam formular a respeito dos *Commentarii de Bello Gallico* I, 1.

1. *Quid est omne diuisum in partes tres?*
2. *In quot partes Gallia est omnis diuisa?*
3. *Qui populi Galliam incolunt?*
4. *Quo uerbo Gallus lingua ipsius appellatur?*
5. *Quo uerbo Celta lingua Caesaris appellatur?*
6. *Qua lingua Celta Gallus appellatur?*
7. *Qua re inter se differunt populi qui Galliam incolunt?*
8. *Quod flumen Gallos ab Aquitanis diuidit?*
9. *Quid Gallos ab Aquitanis diuidit?*
10. *Quibus fluminibus Galli a Belgis diuiduntur?*
11. *Qui populus horum omnium fortissimus est?*
12. *Cur horum omnium fortissimi sunt Belgae?*
13. *A quo Belgae longissime absunt?*
14. *Quis ad Belgas minime saepe comitat?*
15. *Vbi incolunt Germani?*
16. *Quem uirtute Heluetii praecedunt?*
17. *Quis uirtute ab Heluetiis praeceditur?*
18. *Quis reliquos Gallos uirtute praecedit?*
19. *Vnde Belgae oriuntur?*
20. *Quid spectat inter occasum et septentriones?*

Quanto à solução de exercícios desse tipo, convém observar que o mesmo fato de o pronome interrogativo remeter a resposta solicitada à mesma flexão casual sua não deve ser visto como uma chave que possibilite respostas corretas, mas como um mecanismo que, operando com as oposições casuais do latim, viabiliza as recorrências (re-ocorrências) necessárias à aquisição de uma competência lingüística mínima, sem o emprego da memória mecânica. Convém, igualmente, registrar que, ao simular a situação de enunciação, a reenunciação passa a ser da responsabilidade do estudante que se comporta como “falante” do latim, embora, para a elaboração da sua fala, se sirva do componente morfossintático fornecido pelo enunciado matriz. Se se tomar, por exemplo, a primeira questão – *Quid est omne diuisum in partes tres?* –, ver-se-á que não se poderá apresentar como resposta apenas *Gallia*, mas que também se deverão adequar a *Gallia* os termos *omne* e *diuisum*. Não importa que a resposta à primeira questão seja o primeiro enunciado do texto; o que interessa é fazer o estudante sentir-se “falante” do latim, isto é, sentir-se o responsável pela adequação de *omne* e *diuisum* a *Gallia*.

Para levar ainda mais o estudante a comportar-se como “falante” do latim, pode-se recortar um enunciado, como “(4) [...] *Heluetii [...] reliquos Gallos uirtute praecedunt [...]*”, que propicia um vasto campo de exploração com vistas à aquisição de uma competência lingüística mínima; esse enunciado matriz oferece várias possibilidades de reenunciação que focalizam as oposições voz ativa/voz passiva, nominativo/acusativo, singular/plural e as expansões nominais e adverbiais. Assim, poder-se-á ter:

a) na voz ativa (*Heluetii reliquos Gallos uirtute praecedunt*):

1. *Quis reliquos Gallos uirtute praecedunt?*
2. *Qui populi reliquos Gallos uirtute praecedunt?*
3. *Quem Heluetii uirtute praecedunt?*
4. *Quos Gallos Heluetii uirtute praecedunt?*
5. *Qua re Heluetii reliquos Gallos praecedunt?*

b) na voz passiva (*Ab Heluetiis reliqui Galli uirtute praeceduntur*):

1. *A quo reliqui Galli uirtute praeceduntur?*
2. *A quibus populis reliqui Galli uirtute praeceduntur?*
3. *Quis ab Heluetiis uirtute praeceduntur?*
4. *Qui Galli ab Heluetiis uirtute praeceduntur?*
5. *Qua re ab Heluetiis reliqui Galli uirtute praeceduntur?*

Retomemos, finalmente, a epígrafe desta comunicação, “*Media in uia...*”. Qual a sua contribuição para a leitura de Drummond? Que benefício confere ao latim, à cultura latina? Qual, pelo menos, poderia ser a sua utilidade no ensino do latim? Sem se questionar a opção lexical e a sintaxe nitidamente portuguesas adotadas na versão, poder-se-ia perguntar por qual estatuto métrico latino é ela homologada. Na verdade, através de exótica simbiose e com manifesta inocuidade artística, aí se encontra o

português travestido de latim – o que poderá induzir muitos incautos à impressão de que sabem latim, por identificarem léxicos latinos em uma estrutura sintática nitidamente portuguesa. Ainda que se possa admitir o bom propósito do tradutor com vistas a um *aggiornamento* do latim, restará igualmente um equívoco: não é o latim que deve ser atualizado, mas os pressupostos do seu ensino.

BRUNO, H – Le Latin et la formation linguistique. *Alfa*, São Paulo, 34: 69-74, 1990.

RÉSUMÉ: Ayant en vue que le latin est une langue vivante (du passé) et après la mise au point de quelques réflexions linguistiques qui sont à la base du travail, on tâche de présenter, en guise d'exemple, une unité de programme d'enseignement de latin. On cherche à éviter des anachronismes et des équivoques de la vieille pensée humaniste.

UNITERMES: Enseignement; langue; parole; compétence réceptive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carmina drummondiana*. Versão para o latim de Silva Bêlkion. Rio, EUB, 1982.
2. RAMBAUD, Michel. *César*. Paris, PUF, 1963.